

JORNAL JUNTOS

EDIÇÃO ESPECIAL
ANO 10 / Nº 39
AGO-SET 2020

NENHUM CORTE,
NENHUM INTERVENTOR!

DEFENDER A
EDUCAÇÃO!

NENHUM CORTE,
NENHUM INTERVENTOR!

EXPEDIENTE

EDITORIAL

CAMILA SOUZA,
FELIPE SIMONI E
SARA SOARES

DIAGRAMAÇÃO

ERICK ANDRADE

COLABORADORES

CAMILA SOUZA,
FABIANA AMORIM,
FRAN RODRIGUES,
JOÃO BERKSON,
PEDRO FELTRIN,
RENATA MOARA,
SARA SOARES E
TARSILA AMORAS

Acompanhe o Juntos
nas Redes Sociais!



SUMÁRIO

**1 NOSSAS LUTAS,
NOSSAS
CIDADES! SÓ A
LUTA MUDA A
VIDA!**

**4 MULHERES
NEGRAS
MOVIMENTAM
ESTRUTURAS**

**6 DE 2011 ATÉ
HOJE: A LUTA POR
UM NOVO MUNDO
SEGUE VIVA**

**8 UMA GERAÇÃO
MARCADA PELA**

**LUTA: O QUE
NÃO ESQUECER
DAS
OCUPAÇÕES DE
ESCOLAS
14 J! ENTREVISTA
- 9 ANOS DE
JUNTOS!**

**19 TRAJETÓRIA
DE LUTA E
TAREFAS DO
NOSSO TEMPO:
A DEFESA DO
MEIO AMBIENTE
EM NOSSO DNA**



**NOSSAS
LUTAS,
NOSSAS
CIDADES! SÓ
A LUTA MUDA
A VIDA!**

Editorial

Por

Camila Souza
(Grupo de Trabalho Nacional do Juntos)

Entramos no segundo semestre de 2020 com o Brasil ultrapassando a marca de 100 mil mortes em razão da Covid-19. Nunca antes na história do país tantos brasileiros morreram pela mesma causa. E vejam que estamos falando dos números notificados. Infelizmente sabemos que há subnotificação é real e que tudo indica que esses números na realidade são bem maiores. A irresponsabilidade e política genocida é tamanha que nem Ministro da Saúde nós temos.

Diante de tanta dor e dificuldade, assistimos um rio de solidariedade emergir em cada canto das cidades. Foram inúmeras campanhas de arrecadação de cestas básicas, como a que fizemos junto da Rede Emancipa de Educação Popular e das entidades estudantis, a exemplo do DCE da UFRGS e do DCE da PUC

RJ, inúmeras histórias que contrariavam o apagamento, o genocídio e o ódio estimulados pelo Presidente da República e seus comparsas.

Diante de uma situação tão inédita e inesperada, nosso povo se uniu e lutou. Lutou com cada profissional de saúde, com cada estudante e professor, com cada trabalhador de aplicativos de transporte, com cada negro e negro gritando em defesa de suas vidas. E a cada uma dessas mobilizações íamos construindo trincheiras contra as ideias fascistas e as ameaças golpistas.

Em uma sociedade onde o lucro vale mais que a vida, somaram-se às mortes os índices alarmantes de desemprego. Os números oficiais dão conta de quase 13 milhões de desempregados, sem falar nos altíssimos índices de informalidade. Em uma situação assim o auxílio emergencial precisa ser uma permanente à custo de evitar a barbárie. A verdade é que ainda não temos dimensão dos impactos da pandemia na economia, mas sabemos de uma coisa: que são os mais pobres que vão pagar a conta dessa crise. Paulo Guedes e sua gangue além de salvar os bancos, cortar pela metade o auxílio emergencial,

agora busca marcar os servidores públicos como seus alvos. Falamos aqui de professores, médicos, enfermeiros, serviços de limpeza e segurança. A grande maioria ganha até 3 salários mínimos. Mas na boca desse governo de canalhas, são eles os privilegiados.

A luta contra a perda de direitos segue acumulando batalhas duríssimas. Na educação, vencemos com o FUNDEB, mas temos uma nova batalha contra os cortes, contra os interventores e contra o retorno das aulas presenciais. Ano passado a educação arrastou um verdadeiro tsunami de gente para as ruas. Fizemos da luta em defesa de nossas universidades e institutos federais uma luta de maioria social que emparedou Bolsonaro e criou vacinas antifascistas na maioria dos jovens e estudantes. Em São Paulo essa luta já começou contra a PL 529 do João Dória que promove um corte brutal na USP, Unicamp e UNESP. Atingindo sobretudo as pesquisas. Mas sabemos que o governo federal já anunciou um corte maior que o do ano passado que foi a razão de um levante dos livros explodir em todos os estados. A UFRJ, por exemplo, pode sofrer um corte de 70 milhões para 2021. No embalo das mobili-

zações que já começaram com a USP, vamos construir um novo e potente tsunami. Se eles não nos deixam sonhar, estudar, trabalhar, amar, viver, nós com certeza não os deixaremos dormir!

Para um semestre que ainda se inicia, já temos uma certeza: seremos todos mais uma vez convocados a nos juntar e levantar, construindo mobilizações pela base e em unidade. Afinal, só a luta muda a vida. E estamos em marcha para lutar em defesa do presente e do futuro de uma geração. Faremos da diversidade dessas lutas, um ponto de unidade na construção de uma alternativa e de acúmulo de forças para derrotar de vez e nas ruas Bolsonaro e seus compar-

Com candidatos do Juntos! e de movimentos aliados, faremos das eleições municipais espaços para vocalizar nossas pautas, disputar consciências, ampliar o enraizamento social de nossos projetos, núcleos e trincheiras. Representando nossas lutas, disputaremos nossas cidades! E nessa construção não estamos nunca sozinhos, estamos juntos! Vem a com a gente, conheça os candidatos e candidatas do Juntos! e organize a sua indignação!

MULHERES NEGRAS MOVIMENTAM ESTRUTURAS

Por

Fran Rodrigues
(UFRGS) e

Tarsila Amoras (UFPA)

Dia 25 de julho foi o Dia Internacional da Mulher Negra Latino Americana e Caribenha, é um dia marcado também pela resistência das mulheres negras que sempre foram linha de frente nas lutas pelo povo negro e lutas de transformação social. Tereza de Benguela, foi uma grande líder quilombola e dirigente política do Mato Grosso que até hoje é uma referência de luta para nós negras, sua liderança no quilombo, que tinha uma estrutura muito similar ao parlamento de hoje, mostra o quanto é necessário que ocupemos espaços que sempre foram nossos mas o racismo estrutural

e o machismo fazem com que sejamos excluídas atualmente desses espaços.

2020 trouxe muitas lutas sociais contra os governos de extrema direita pelo mundo e em defesa da vida em um cenário tomado pela nova pandemia do covid-19. Mesmo assim, nada para a violência policial contra os corpos pretos pelo mundo inteiro, com levante antirracista que começou nos Estados Unidos por conta do assassinato de George Floyd e percorreu algumas partes do mundo, percebemos que lá estavam as mulheres negras sendo mais uma vez linha

de frente nas lutas para combater o racismo. Aqui no Brasil na luta contra o novo coronavírus somos as chefes de família que tem que buscar mecanismos de sobrevivência frente o crescente desemprego, somos as que tem coordenado diversos projetos para entregas de cestas básicas nas periferias com o objetivo de levar comida para a mesa do povo negro que é a maioria dentro das favelas, assim como aquelas nas filas – presenciais e virtuais – das caixas econômicas federais em busca de um auxílio emergencial que não condiz com as urgências de vida.

"Quando uma mulher negra se movimenta toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela"

Angela Davis

Julho foi o mês das pretas e queríamos mesmo é estar unidas em mais uma marcha contra o racismo estrutural, machismo e a forma de exploração capitalista, mas apesar da distância que nos é imposta, vamos mostrar o quanto o debate sobre as nossas pautas é necessário, Angela Davis disse: "Quando uma

mulher negra se movimenta toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela". Essa frase reflete muito a nossa atuação na sociedade, sem nós o mundo não gira, é preciso que a sociedade entenda isso, porque nós já estamos nos preparando para mudar sua lógica.



DE 2011 ATÉ HOJE: A LUTA POR OUTRO MUNDO SEGUE VIVA

Por

João Berkson

“O mar da história está agitado”. Essa curta frase resume bem o que o mundo observava em 2011. A crise econômica mundial havia aberto uma rachadura em toda a ordem capitalista que após a queda do Muro de Berlim havia decretado o “fim da história”, o fim da esperança.

Jovens do mundo inteiro levantaram-se, e ao mover-se não apenas sentiram as amarras que os oprimiam, como diria Rosa Luxemburgo, mas também retomaram com enorme força a luta

para rompê-las. Desde a Primavera Árabe, passando pelos indignados espanhóis até o Occupy Wall Street e o Junho de 2013 no Brasil, o mundo tremeu diante da indignação de uma geração que ousou desafiar o ‘fim da história’ e da esperança e dizer que era necessário e urgente a construção de um outro futuro.

Estava aberto uma etapa da luta mundial que trazia consigo interessantes características. Desde a predominância da juventude, a

busca por novas alternativas políticas até a utilização das redes para fortalecer a luta na rua. Esses movimentos percorriam todo o mundo ao vivo com suas palavras de ordem e questionamento dos regimes e do sistema capitalista como um todo, mesmo que de maneira germinal.

Esses grandes fatos históricos que já ocupam os livros escolares de história não tiveram um fim em si mesmos. Assim como terremotos que movem-se na terra por quilômetros, os exemplos de luta e a experiência acumulada nessas batalhas moveram-se pela história ao longo dos anos até os dias de hoje. A maior prova disso é o fato de ser impossível explicar a polarização política mundial com a extrema-direita bem como entender a marcha mundial das ideias antirracistas e feministas sem observar esses grandes levantes.

Em pleno 2020 seguimos nessa batalha. Nosso grande desafio de hoje é partir dessas experiências conseguir vencer a batalha contra os setores dominantes da sociedade capitalista que seguem impondo sua lógica dos lucros acima da vida e dos nossos direitos. Estes setores hoje manifestam-se também

sob a bandeira do fascismo em todo o mundo. Por isso unificar todas as lutas que criticam o sistema é tão importante.

Nós do Juntos! nascemos a partir dessas lutas que tiveram na arena internacionalista seu campo de batalha. A crise econômica, política e social do capitalismo não se resolveu, pelo contrário, com a pandemia as contradições estão cada vez mais profundas. Por isso torna-se cada vez mais importante nossa organização nessa batalha, que supere o medo e abra as portas para a construção de um outro mundo.



ESCOLA OCUPADA

UMA
GERAÇÃO
MARCADA
PELA LUTA: O
QUE NÃO
ESQUECER
DAS
OCUPAÇÕES
DE ESCOLA

Por

Fabiana Amorim e Pedro Feltrin

As nossas memórias são fragmentos do já vivido, que sempre se transformam quando revisitadas. E é por isso que a realidade é muito mais interessante do que quando a contamos fria e linearmente. Todo jovem brasileiro que fez parte dos grandes processos de enfrentamento político que vivemos nos últimos anos, carrega consigo a memória de uma experiência que é irreversível. Estima-se que entre 2015 e 2016, houveram cerca de 2.000 escolas ocupadas no Brasil, colocando que em média cada ocupação houvessem 20 pessoas, ao menos 40.000 estudantes ocuparam suas escolas, envolvidos profundamente com aqueles dias que marcaram suas vidas. Alguns anos e muitas batalhas depois, ainda temos muito o que visitar daquele processo intenso de ocupações.

A luta travada pelos jovens de todo o Brasil, trouxe à tona para parcelas da sociedade que, apesar dos avanços comparado com décadas atrás, o sucateamento das escolas públicas permanece como um problema

latente no país que era na época chamado de “pátria educadora”. Estudantes que há muito se manifestavam nas ruas reivindicando que escolas não fossem fechadas, que suas turmas não fossem superlotadas, que seu ensino não fosse precarizado e em apoio a luta por salário digno aos professores, perceberam que aquele momento exigia ações decisivas.

A partir desse horizonte de radicalidade, uma ação autoritária de Alckmin prometendo uma “reorganização escolar” em São Paulo, o governador logo assistiu uma resposta contundente com a ocupação do Fernão Dias. O movimento secundarista recebeu uma adesão enorme daqueles que se reconheciam no movimento, que se identificavam com a gravidade da situação de suas escolas, e que perceberam que era necessário se unir para barrar os retrocessos. No entanto, assim como as ocupações se expandiram rapidamente, a repressão acompanhou. Para além das desaprovações das diretorias de escolas, a mídia tradicional também cumpriu seu papel de tentar deslegitimar a mobilização dos estudantes, acompanhada de muita repressão policial em diversas manifestações, com ameaças às ocupa-

ções contra jovens de apenas 15, 16 anos.

Essa postura agressiva do estado de São Paulo, comoveu a sociedade e fez crescer ainda mais as ocupações. Com apoio de mães, pais e vizinhança que se mobilizaram para ajudar desde cordões humanos até alimentação e atividades nas escolas. Logo de início, as ocupações de escola já demonstraram a importância de uma luta de maioria social, para isolar o governo e ganhar maioria em opinião. Sem dúvida, isso foi decisivo para que se pudesse vencer. E os estudantes paulistas foram até o fim, não aceitando o primeiro anúncio de revogação parcial da reorganização escolar, garantindo a vitória contundente e definitiva à beira do natal de 2015.

A partir da vitória em São Paulo, o movimento secundarista se moraliza e o exemplo se multiplica pelo país. A partir de realidades particulares, os estudantes do Ceará, de Goiás, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, DF e tantos outros estados ocupam pela educação. Para muitos, as reivindicações concretas e formais foram descobertas depois que já estavam ocupando, porque o sintoma principal que motivava sair das

suas casas para “morar” na escola era o mais genuíno sentimento de transformação em relação a como o poder público encara as escolas públicas. Aqui, o particular e o geral se conectam de uma forma única. Com realidades distintas, mas com um mesmo pano de fundo. E o Juntos! tentou cumprir nos estados onde atuamos, o papel de conectar as demandas e formular reivindicações aos governos. Porque sabíamos, a partir do exemplo de São Paulo, que vitórias nos levariam a outras. Com a chegada de Temer na presidência depois de um golpe parlamentar, o ilegítimo ataca duramente a educação com a PEC do Teto de Gastos, explodindo mais uma onda de ocupações. Dessas vez, nos Institutos Federais e também nas Universidades Federais.

Uma das principais marcas das ocupações de escola foi não apenas em ser uma novidade enquanto método radicalizado de luta, mas também enquanto organização e democracia direta. Cada ocupação era organizada via assembleias para decisões coletivas sobre sua condução, sendo um aprendizado enorme para o movimento estudantil.

Além disso, foi se desmontando a imagem que a direita tentava colocar das ocupações como lugar de “baderna”, feita por jovens que “não queriam estudar”, sendo espaços ricos de aprendizados, trocas de conhecimento e cultura, e crescimento pessoal de cada estudante envolvido. Foi a partir da tomada de suas escolas, das divisões de tarefas, e dos debates feitos, que muitos estudantes puderam discutir sobre problemas estruturais da nossa sociedade. Debates como gênero, raça, e sexualidade, são assuntos que normalmente não se discute em sala de aula, mas que vivem presentes no nosso cotidiano, a juventude é reflexo disso. Para além dos debates, foi um espaço de auto-reconhecimento e descoberta. Foi também por meio de SLAMs, rodas de conversa, trocas culturais, cine debates, apresentações, e apoiadores da luta secundarista, que os estudantes não só deram aulas, como também desmistificaram e desconstruíram os maiores pudores da nossa sociedade.

Hoje, diante de tantos desafios colocados para o desmonte da educação pública, nunca é demais lembrar as ocupações. Não apenas com um saudosismo romântico de um método

que não iniciou nem terminará naquele capítulo de nossa história, mas como uma experiência rica de aprendizado que gerou e segue gerando muitos frutos para a luta dos estudantes.



TROTSKY 80



CA



O QUE É SER TROTSKISTA NO SÉCULO XXI?

EM MEMÓRIA AO 80º
ANIVERSÁRIO DA MORTE DE
TROTSKY, O JUNTOS! INDICA
O ARTIGO ESCRITO EM 2015
A RESPEITO DO LEGADO DO
PENSAMENTO DO
REVOLUCIONÁRIO
SOVIÉTICO! ESCRITO POR
PEDRO FUENTES,
ARGENTINO E DIRIGENTE
HISTÓRICO TROTSKYSTA NO
BRASIL

ACESSE EM:

BIT.LY/TROTSKYSEC21

JUNTOS ENTREVISTA!

9 ANOS DE JUNTOS!

Com

Nathalie
Drummond,
fundadora
do Juntos

Por

Felipe Simoni
e Sara Soares

Em junho deste ano, o Juntos! completou 09 anos de existência em uma potente Assembléia Nacional Online! Nesta edição do nosso Jornal, entrevistamos Nathalie Drummond: geógrafa, fundadora do Juntos! e, na época da fundação, do grupo de trabalho nacional. A entrevista dialoga sobre o nosso surgimento, a nossa trajetória, os nossos triunfos e nossos desafios hoje para a construção de um outro futuro!



Jornal do Juntos!: O Juntos! nasceu em 2011, durante um Congresso da UNE, mas é fruto de um esforço coletivo a partir de todo um contexto de luta da juventude na época. Você pode nos contar um pouco desse contexto e porquê a ideia de fundar o movimento?

Thalie: Em 2011, quando decidimos fundar o Juntos!, já há algum tempo vínhamos refletindo sobre o papel e o protagonismo da juventude nas lutas de enfrentamento ao neoliberalismo no Brasil e no mundo. Era o momento de grande efervescência, havia eclodido em 2008 uma grave crise econômica e, devido a essa crise, houve abalos políticos em muitos países, a começar nos países árabes - não é atoa que a gente chama de primavera árabe. Naquele país, a juventude já tinha mostrado um papel muito importante e

depois foi seguido também por demonstrações de força na Europa, nos Estados Unidos e na América Latina. Em todas as eclosões populares em que contestavam a política econômica e as decisões políticas de seus governos a juventude era o principal setor ou segmento. Então, a partir dessa leitura internacionalista que é uma característica que marca muito o Juntos! desde a sua fundação, identificamos que nós tínhamos que apostar na auto organização e criar um coletivo que expressasse o conjunto dessas lutas no Brasil também. Aquilo que ocorria no mundo, em países muito próximos como no Chile, certamente cedo ou tarde chegaria ao Brasil e não deu outra! Em 2011 nós fundamos o Juntos!, em 2013 aconteceram as maiores jornadas na história recente do país.

Jornal do Juntos!: Com as jornadas de Junho de 2013, a juventude tomando as ruas, o Juntos! se reinventou e teve, praticamente, uma nova fundação. Como você avalia a participação e essa mudança no perfil do Juntos! após esse evento?

Thalie: Eu não diria que o Juntos! mudou seu perfil em 2013 ou se refundou. Nós temos o estrito

da palavra, né? Pode parecer que aquilo que a gente construiu em 2011, a gente abandonou, deixou para trás, em 2013. Porém, eu acho que podemos dizer que 2013 tem esse grande significado para o Juntos! porque aquilo que a gente perseguia no plano das ideias em 2011 e realizava em menor escala, pôde ser realizado em altíssima potência em 2013: estar profundamente vinculado com a luta das ruas, com um sentimento de contestação popular, tendo a mobilização como seu principal método para a mudança. Esse ano significou também uma mudança profunda na conjuntura brasileira e a juventude ainda hoje tem uma responsabilidade muito grande. O Juntos! cumpriu um papel decisivo para o desenvolvimento naquele momento, nacionalizando onde pôde a luta contra aumento das tarifas de ônibus, dando um exemplo muito categórico que se iniciou em Porto Alegre, organizando a luta de forma muito forte em São Paulo e então, se expressou muito em várias capitais do país, de norte a sul. Nós estivemos na ponta de lança e por conta desse protagonismo que o Juntos! cumpriu, acompanhado de outras organizações e muita gente independente, a luta da juventude ganhou outro patamar, uma

outra dimensão e nosso coletivo também acompanhou esse movimento ganhando um outro patamar e uma outra dimensão. Tivemos muito mais visibilidade e destaque no país, mas também muito mais responsabilidade de dar continuidade às lutas da juventude e eu acho que estamos cumprindo muito bem esse papel.

Jornal do Juntos!: A luta em defesa da educação sempre foi um ponto forte do Juntos!. Como você avalia o desenvolvimento da luta pela educação de 2011 pra cá?

Thalie: A luta da educação tem sido a principal força não só para Juntos! mas para a luta da juventude como um todo após 2013, né? A luta dos secundaristas que teve uma importância muito grande, uma série de lutas e mobilizações decisivas dos universitários. Mais recentemente, no ano passado, foi a juventude que organizou a principal mobilização nas ruas contra o governo Bolsonaro e contra Weintraub, em defesa do ensino, da ciência, enfim. A luta da educação toca o cotidiano da maioria da juventude, sejam eles os mais jovens sejam eles os mais velhos, cumprindo um papel decisivo na perspectiva de construir um

novo futuro diferente. Ela é a principal ferramenta! O Emancipa, movimento popular aliado dos Juntos!, tem uma expressão muito importante que é: 'a nossa arma é a Educação' e acho que é nisso que a juventude se identifica. A educação também comove muitos jovens a lutar e é muitas vezes a porta de entrada para a militância, para o ativismo social, de muitos que defendem uma perspectiva diferente para o país. Como a educação tem essa centralidade na constituição de uma luta pelo futuro, o Juntos! ao longo desses anos todos sempre foi protagonista, ponta de lança, nas principais mobilizações e muitas marcaram a nossa história desde 2011 para cá, seja na luta dos secundaristas ou na luta dos universitários e eu reforço muito importância dessa mobilização no primeiro ano de Mandato do Bolsonaro.

Jornal do Juntos!: Qual você acha que foi o principal desafio do Juntos! desde a fundação?

Thalie: Acho que o Juntos! como coletivo teve vários desafios muito importantes. Talvez, o maior desafio nesse momento, seja justamente contribuir com a luta contra o governo Bolsonaro - esse é o desafio mais urgente que se coloca para nossa

juventude. Porém, acho que no sentido geral ao longo de sua história, o Juntos! sempre teve um desafio de apesar de ser parte de muitas vitórias e grandes vitórias importantes, nunca perdeu a sua essência de ser parte das lutas cotidianas, das mobilizações diárias, das resistências do conjunto da juventude. Não se acomodar ou não se entusiasmar demais com as vitórias e esquecer de semear permanentemente esse processo diário e didático de resistência: o que a gente chama de enraizamento. Não se acomodar diante das vitórias que felizmente pudemos fazer parte na luta da juventude desde 2011 e conseguir persistir na organização da indignação da juventude no país. Esse é um desafio contínuo que a gente tem sempre que se preocupar e pensar em como superá-los, apesar das mudanças na conjuntura e das dificuldades políticas.

Jornal do Juntos!: Quais você acha que são os principais desafios da juventude nos tempos de bolsonarismo e pandemia?

Thalie: O momento de pandemia revelou muitas coisas para nós, né? Primeiro, acho que revelou o quanto é grave seguir sob o mesmo modelo capitalista, neo-

liberal de organização da sociedade - o quanto essa lógica coloca em cheque e ameaça a vida das pessoas. Priorizar o lucro invés do investimento na ciência, na educação e na saúde foi o que colocou a população nessa situação de vulnerabilidade. Felizmente, no país, fruto de muita luta e mobilização em décadas anteriores, nós temos o SUS que permite mitigar parte do sofrimento das pessoas. Porém, estamos sob o governo Bolsonaro que nega os riscos e não está nem aí para a vida das pessoas. Algumas organizações internacionais de direitos humanos já passam a considerar julgar o Bolsonaro como genocida pela sua política irresponsável adotada durante a pandemia. Bolsonaro expressa o modelo de sociedade que precisamos radicalmente combater. A raiz, a vertente anticapitalista do Juntos!, se torna ainda mais urgente em sua expressão na urgência de derrotar o capitalismo. Se revelou de forma mais categórica o projeto de governo que na maioria das vezes é o oposto do que Bolsonaro dizia na campanha e muita gente que achava que o que ele dizia não era verdadeiro, que era só uma maneira de dizer.. Quando ele afirmava uma política protofascista, muita gente achava que

era só discurso e, na verdade, era a parte mais verdadeira que ele teve em sua campanha. A pandemia demonstrou o quanto criminosa é a política de Bolsonaro. Nesse momento, acho que a tarefa do Juntos! é ser protagonista da luta em defesa da vida, a vida das pessoas como o valor máximo e, ao mesmo tempo, ser capaz de organizar a indignação contra o governo fortalecendo o FORA BOLSONARO! É um grande desafio equilibrar que essas duas preocupações, acompanhado do diálogo com o sentimento que tomou conta em 2013: a revolta e de urgência pela mobilização.

Acesse o primeiro manifesto de fundação do Juntos!

<https://juntos.org.br/2011/07/manifesto-de-goiania/>



TRAJETÓRIA DE LUTA E TAREFAS DO NOSSO TEMPO: A DEFESA DO MEIO AMBIENTE EM NOSSO DNA

Por

Renata
Moara

A luta em defesa do meio ambiente está no nosso DNA. Desde nossa fundação, temos a compreensão de que as pautas ambientais são eixos fundamentais, e essa análise se materializou em 2011, nas lutas nacionais que tra-

vamos contra a construção da usina hidrelétrica de Belo Monte, no Pará.

Fomos parte daqueles que se propuseram forjar uma juventude que estivesse conectada às

lutas do momento, que não fosse burocratizada, que pudesse superar os vícios da velha esquerda, e que disputava um projeto de país.

O projeto de Belo Monte que vem desde a década de 80 e foi fortemente combatido pelos povos da floresta, sendo a guerreira Tuirá símbolo de resistência, ganhou corpo durante o primeiro mandato de Dilma (PT), ali a tragédia estava anunciada. Hoje Belo Monte é na vida da população de Altamira, e região, condutora de destruições, dos rios, floresta, fauna e flora; também é responsável pelo aumento da prostituição, exploração sexual, violência urbana e suicídio, especialmente entre os jovens. O lastro de destruição deixado por Belo Monte é irreparável.

Desde então, estamos construindo junto aos movimentos indígenas, quilombolas, ribeirinhos, meio ambiente, a luta em defesa da Amazônia, seu território e seus povos. Estando ativos na construção da Caravana Tapajós Vivo, movimento que luta contra o complexo hidrelétrico no Rio Tapajós.

A luta em defesa do meio ambiente também se construiu a partir das denúncias das atroci-

dades causadas pelas mineradoras em Minas Gerais, com a contaminação e devastação de áreas de preservação ambiental, anteriormente ao crime do rompimento das barragens de minério de Mariana e Brumadinho. As barragens de responsabilidade da Vale se romperam e causaram danos irreversíveis, foram centenas de mortes, destruição dos rios e da vegetação, e ainda hoje, em meio a pandemia a mineração não foi interrompida, aumentando a exposição a contaminação pelo COVID-19 aos trabalhadores. É o lucro se sobrepondo à vida.

Tudo isso nos aponta um caminho: a defesa do meio ambiente só pode ser travada a partir da luta ecossocialista. A sede de vender nosso território, desmatar, explorar, está intrinsecamente ligada ao capitalismo predatório que avança e busca novos espaços pra lucrar. No Brasil, a materialização dessa política entreguista está na figura de Jair Bolsonaro, um presidente que odeia os povos da floresta e que atua pelo etnocídio dessas populações.

Não à toa seu ministro do Meio Ambiente é Ricardo Salles, responsável pelo desmonte da pasta, o que lhe rendeu pedido

de afastamento do cargo feito pelo MPF. Durante período a frente do Ministério do Meio Ambiente, Salles conseguiu bater recorde de desmatamento na Amazônia, um aumento de 171% em relação ao ano passado; graças ao afrouxamento das medidas de proteção ambiental e desgaste dos órgãos fiscalizadores, o garimpo ilegal, grilagem de terras e assassinato de indígenas também cresceu.

Bolsonaro e Salles são inimigos, e atuam todos os dias pela destruição do meio ambiente, tendo isso como um projeto de país, um país que não respeita os povos que aqui vivem, que promove o etnocídio e ecocídio, que tem o lucro acima das vidas. Na mesma medida em que há duros ataques, há também duras respostas de resistência! As lutas cotidianas nos territórios são exemplo disso, acompanhado também da construção do Fórum Pan Amazônico que envolve todos os países que tem a floresta amazônica em seu território, demonstrando o caráter internacionalista que a defesa do meio ambiente e seus povos carrega e que nós, do Juntos! Estamos comprometidos nesse processo.

Por isso, defender o meio am-

biente é disputar os rumos do país. Podemos a partir das lutas ambientais construir uma nova alternativa de sociedade, uma outra alternativa de mundo, que seja pautada pelo bem viver, que seja conectada com a ancestralidade, que supere a lógica exploratória capitalista.

Para isso, a luta contra Bolsonaro e Salles é fundamental, é necessária a organização coletiva na construção do fora Salles e na defesa do meio ambiente. Seguir nas lutas por demarcação de Terras Indígenas; pela saúde de indígenas e quilombolas, que na pandemia teve agravamento da precariedade; contra o garimpo ilegal que degrada o ambiente; pelo fim das queimadas; contra a grilagem que avança em áreas de proteção ambiental; por uma articulação internacional de defesa do meio ambiente;

Pelas nossas vidas é que lutamos. Fora Bolsonaro. Fora Salles.

BREQUE DOS APPS

CONTRA A PRECARIZAÇÃO E A FLEXIBILIZAÇÃO TRABALHISTA

A mobilização dos entregadores de app com a organização de duas grandes greves entrou para a história da luta dos trabalhadores contra a precarização e por mais direitos no Brasil! Em cenário de pandemia e com a ausência de políticas realmente efetivas do governo Bolsonaro coloca em uma situação ainda pior para os trabalhadores/res. Juntos! Indica o livro CORONAVÍRUS: O trabalho sob fogo cruzado, de Ricardo Antunes.

Acesse em: bit.ly/antunesricardo